

## **ENCONTRO E MEMÓRIA O CENTRO DE GOIÂNIA E O JÓQUEI CLUBE**

Carolina Rodrigues Boaventura<sup>1</sup> (carolrboaventura@gmail.com)

### **Resumo:**

Este Trabalho Final de Graduação apresenta uma proposta de intervenção no centro tradicional de Goiânia a partir do entendimento do seu processo de transformação ao longo do tempo destacando, sobretudo, os seus lugares memoráveis. Para tanto buscou-se um aparato bibliográfico para conceituar o que são estes lugares, entendido aqui como aqueles que são marcantes nas experiências vividas pelas pessoas. Em seguida, procurou-se reconstituir, brevemente, a história da formação do Centro e de seus edifícios mais emblemáticos através de importantes fatos sociais e econômicos. Para isto, levou-se em consideração os depoimentos orais de personagens que habitaram a região em diferentes períodos. Em posse desses dados, o projeto se orientou segundo oito diretrizes básicas a seguir: hierarquizar o sistema de mobilidade urbana, promover conexões urbanas através de edificações, estabelecer usos que permitam maior permanência, propor um desenho que permita transições suaves entre espaços públicos e privados, promover espaços programáticos diferenciados, encorajar a prática do caminhar e aumentar a área verde. Desta forma, pretendeu-se alterar a dinâmica de mobilidade no Setor Central e ocupar os terrenos ociosos do centro da cidade com o objetivo de intensificar os espaços públicos e viabilizar a rua e os parques como efetivos “espaços memoráveis”. A proposta prevê ainda a reocupação dos 143 terrenos – ociosos e de estacionamentos privados- em quatro usos: os pocket parks, as praças, as habitações e edifícios destinados à cultura e ao lazer.

**Palavras-chave:** Centro de Goiânia; Jóquei Clube de Goiás; Memória; Espaços públicos.

---

<sup>1</sup> Trabalho Final de Graduação apresentado para a FAUUSP no ano de 2013 sob a orientação do Prof. Dr. Luís Antônio Jorge.

## 1. INTRODUÇÃO

A escolha de um objeto de estudo que remete aos cenários de infância ou aos lugares onde moram as lembranças afetivas é recorrente entre os alunos do final do curso de arquitetura. Este trabalho intitulado “Encontro e Memória: O centro tradicional de Goiânia e o Jóquei Clube” também foi motivado por recordações. A cidade e os seus edifícios serviram como objeto de investigação a partir do estoque de lembranças que lhes são implícitas. A memória serviu, portanto, como suporte para as tomadas de decisões do exercício projetual.

Compreender o processo de transformação da cidade, reconhecer os espaços que possuem representação simbólica, entender como esses elementos se estratificam em memória coletiva e como intervir no campo da arquitetura e do urbanismo a partir dos registros de um determinado lugar, foram os principais problemas levantados.

Para este estudo, mais importante do que apresentar uma ideia projetual foi investigar os lugares de memória da cidade. Isto é, aqueles que evocam narrativas relacionadas às experiências pessoais. Sendo assim, a valorização da memória no Centro de Goiânia permitiu intervenções segundo uma perspectiva mais sensível ao lugar e a sua história.

## 2. MEMÓRIA E DESENHO

Nunca se falou tanto sobre a memória e a necessidade da sua preservação. O grande reflexo desta preocupação pode ser observado por meio do “boom” da construção de obras museológicas. Museu do futebol, do holocausto, da cultura judaica, dos direitos humanos são alguns dos incontáveis edifícios que foram e são erguidos na contemporaneidade. Para Andreas Huyssen (HUYSSSEN, 2000, p. 28) a museificação do século XX deve-se ao medo do esquecimento diante do *frenesi* dos dias atuais. Segundo este estudioso, a atual cultura contemporânea ocidental legitimou a importância dos edifícios espetáculos porque eles são entendidos como os únicos equipamentos capazes de blindar a obsolescência da história e da identidade de uma determinada sociedade. O passado, portanto, estaria garantido.

De acordo com esta perspectiva, a memória é um fato que se deu e se consolidou no passado e que precisa ser resgatado, pois eles tendem a se desgastar e caírem no esquecimento. Os museus e os monumentos contemporâneos são erguidos no tecido urbano como elementos detentores da memória. Entretanto, poucos deles se configuram como lugar de interação social e raramente dialogam com a cidade. Assim, esses equipamentos didáticos, em sua grande maioria, se caracterizam pelo distanciamento entre o material expositivo e seus usuários, sendo o segundo um agente passivo do primeiro. Além disso, suas concepções não visam proporcionar o resgate das experiências pessoais.

Diferentemente deste entendimento da memória, os estudiosos Ecléa Bosi (1994) e Ulpiano Bezerra de Meneses (1992) defendem a memória como uma matéria de constante

reconstrução, que busca responder questões colocadas no presente. Para estes autores é um equívoco interpretar as experiências do passado como uma adição e sobreposição de fatos. O passado é constantemente recriado e não pode ser entendido como “um pacote de recordações, já previsto e acabado” (BEZERRA, 1992, p. 10).

No campo da pesquisa da arquitetura e do urbanismo, a memória torna-se um valioso recurso para se pensar as intervenções urbanas, pois ela opera segundo uma perspectiva mais antropológica. Neste sentido, a narrativa oral se apresenta como uma relevante fonte histórica porque a linguagem oral unifica e aproxima, no mesmo espaço, histórico e cultural, as diversas vivências tais como: os sonhos, as lembranças e as experiências recentes.

Apesar de alguns autores apontarem distorções e parcialidades nas entrevistas orais, em razão da incapacidade de não representar a “panorâmica da imagem de domínio público”. Jorge (JORGE, 1999, p.139) e outros, como Halbwichs (apud: BOSI, 1994, p.413) defendem que: “cada memória individual, é um ponto de vista da memória coletiva”. Portanto os depoimentos individuais dão conta do cotidiano passado e são valiosos para a compreensão das sutilezas das dinâmicas sociais de um tempo e espaço.

Relacionando a questão da memória com o espaço, cumpre ressaltar o que se entende por “espaços de memória” e “espaços memoráveis”. O primeiro, está ligado aos espaços que falam de uma memória que é interpretada friamente, como material didático, tais como a maioria dos museus e dos monumentos. O segundo, se define como sendo lugares que promovem os encontros. São os palcos de ações cotidianas e triviais que se consolidam na memória dos sujeitos por estarem fortemente conectados e entrelaçados no seu dia a dia.

Destarte cabe ao arquiteto, por meio de narrativas orais, compreender as dinâmicas existentes e os múltiplos significados dos lugares, e diante destas informações pensar em um desenho que respeite o que já existe e promova a configuração de novos espaços memoráveis.

### **3. A INTERSEÇÃO DE TRÊS HISTÓRIAS: O CENTRO DE GOIÂNIA, O EDIFÍCIO E SEUS PERSONAGENS.**

Um estudo que propõe uma intervenção urbana segundo uma perspectiva de valorização da memória requer também a retomada do processo histórico do lugar que se pretende trabalhar. Diferentemente das metodologias de pesquisas mais tradicionais, o trabalho apresenta uma breve história do Centro de Goiânia através de um olhar que considera os relatos daqueles que vivenciaram estes espaços em diferentes tempos. Com esta prática procurou-se “constituir a crônica do cotidiano” (BOSI, 2003 p.15), tomando-se ciência das atividades, das tristezas e das paixões vividas nos espaços goianos, ou seja, procurou-se identificar no Centro de Goiânia lugares e edifícios memoráveis.

No conjunto destes importantes edifícios, destaca-se a Sede Social do Jôquei Clube de Goiás. Com projeto assinado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha em 1963, o clube foi ao longo dos anos 70, 80 e 90 o principal ponto de encontro, de festas e shows da cidade.

### **3.1 Anos de 1930 - 1940: a construção da nova capital**

O primeiro Plano Diretor da nova capital, assinado por Atilio Corrêa Lima, foi concluído em 1933. Contendo as primeiras diretrizes para a cidade, o projeto refletia as influências estéticas adotadas pelo urbanista. O desenho apresentado propôs um cenário composto por praças geométricas e bulevares, semelhantes ao modelo adotado por Haussman para a requalificação de Paris. Destacam-se também, como reforça Manso (2001, p.204), a influência de algumas experiências provenientes do Movimento Moderno como zoneamento, a ortogonalidade e os green belts (anéis verdes).

A Praça Cívica, local onde seriam instalados todos os edifícios públicos, recebeu especial atenção e esmero em seus detalhes. A partir desta praça foram estabelecidas três grandes vias arborizadas que marcaram o seu caráter monumental. Quanto as edificações do local, optou-se pelo art déco, que serviu como símbolo estético da modernização promovida pelo poder federal. Nesse aspecto, cabe conferir atenção à obra mais bem cuidada: o Palácio do Governo – o Palácio das Esmeraldas.

Em consonância com as proposições de urbanização moderna, Corrêa Lima também demonstrou cuidado em estabelecer espaços destinados ao lazer. Um dos pontos de maior destaque desse planejamento foi Automóvel Clube de Goiás, área do atual Jôquei Clube. Este antigo clube, fundado no dia 10 de março de 1935, foi o lugar destinado para abrigar os grandes eventos de uma sociedade ainda em formação.

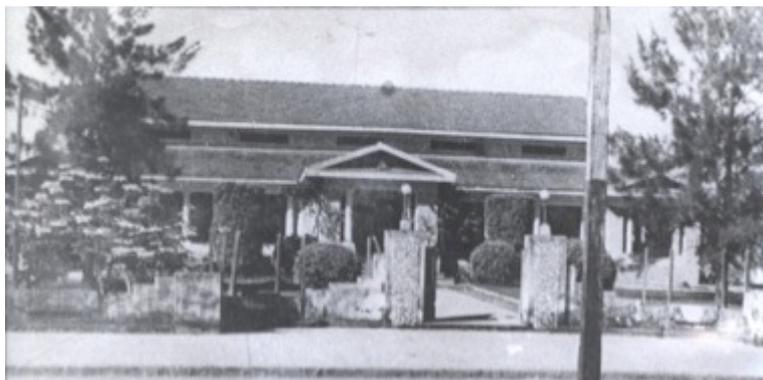
De projeto assinado por Eurico Viana e fundado pelo interventor político e “pai” da cidade Pedro Ludovico (GOMES, 2004, p. 65), o casarão eclético é sempre lembrado como um espaço agradável. Seus salões eram onde as damas “desfilavam a última moda em chapéu e os senhores seu traje de gala” (O POPULAR, 2003) (Figura 1).

Nesse momento, Goiânia ainda era uma jovem cidade que contava com poucas edifícios, tais como o Palácio do Governo, a Prefeitura Municipal e o Grande Hotel. O Setor Central era um espaço ainda em construção, assim pode se observar nos comentários de Amaury Menzes.

Goiânia não tinha nada, tinha só uma armazém, onde hoje é a Praça do Botafogo, chamado “Casa Ivis”. As compras de emergência se faziam ali, mas quando você queria fazer qualquer compra maior, você tinha que ir em Campinas. (MENEZES, in: BOAVENTURA, 2013)

Como se vê no depoimento acima, o Centro não havia ainda cumprido o seu papel de um espaço dinâmico e plenamente apropriado.

Figura 1: O Casarão da antiga Sede Social do Jôquei Clube



Fonte: SEGPLAN

### 3.2. 1940 - 1960: A consolidação do Centro

Entre os anos 1940 e 1950, o Setor Central, ainda em processo de consolidação, começou a se adensar. A paisagem do vazio sertanejo, aos poucos, deu lugar a uma incipiente urbanidade. A Praça Cívica se tornou, efetivamente, o centro administrativo, embora não fosse ainda apropriado como espaço de encontro, de passeatas ou de manifestações.

Cabe destacar que até 1950 a formação do espaço da cidade se submeteu aos desígnios do Estado. A ocupação, o uso do solo e a expansão urbana foram rigidamente controlados por ele. O Plano Diretor da Cidade foi seguido estritamente, vez que o interventor almejava concentrar o adensamento da capital primeiro na Região Central, para, em seguida, ocupar áreas vizinhas.

Entre 1959-1964 um novo Plano Diretor foi elaborado por Luís Saia. Apesar de nunca ter sido implantado, devido ao Golpe de 1964, destaca-se o importante relatório que continha o mapeamento dos pontos mais frequentados da cidade. A Avenida Anhanguera foi o local de encontro por excelência. Já o comércio e os serviços foram mais desenvolvidos na Avenida Goiás e Ruas 6 e 7.

### 3.3. Anos 1960 - 1980: mudanças na paisagem urbana

Nesse momento, o centro foi o foco da organização urbana da capital. Nele se realizavam as principais atividades políticas, econômicas e comerciais. Era também o local habitado pela população de maior renda (VAZ, 2002, p.76).

O período que se inicia no ano 1964 foi marcado pelo abandono da severa fiscalização do Estado sobre o crescimento urbano e o investimento privado passou a ter o controle sobre a cidade, alterando-a indiscriminadamente. Novos loteamentos e edifícios de apartamentos foram lançados com apoio do Banco Nacional de Habitação. As torres tomaram os lugares dos antigos sobrados e o desenho original do Centro foi, aos poucos, se perdendo.

Nesse mesmo período iniciaram-se as primeiras movimentações das camadas altas em direção aos Setores Oeste e Sul. Esse deslocamento, apesar de ainda embrionário, foi justificado devida a alta densidade populacional e o aumento do trânsito na área.

Não alheio às intensas mudanças do Centro e mais particularmente do seu entorno, o Jóquei Clube na década de 1970 sentiu-se também obrigado a acompanhar o “progresso” sobre a qual a cidade se redesenhava. Além do surgimento de novos clubes sociais, como o Country de Goiás e o Clube de Regatas Jaó, a necessidade de readequação às novas demandas foi, nesse momento, imperativa. A sociedade jóqueana optou, portanto, pela substituição do antigo casarão pelo moderno desenho do arquiteto Paulo Mendes da Rocha.

O edifício implantado em um terreno de 22.000 m<sup>2</sup> e com área construída de 11.500 m<sup>2</sup> (ARTIGAS, 2006, p. 124) destaca-se pelo seu caráter compacto. O elemento de maior destaque é a cobertura em concreto armado que, apoiada em volumosos pilares situados no perímetro da obra, permite a completa fluidez no seu espaço interno. As funções sociais, como salão de festas, restaurante e sauna são organizadas internamente na “caixa elevada” e distribuídas em diferentes níveis. Os três ambientes externos, o bosque, as piscinas e as quadras, situados em extremos opostos são conectadas visual e fisicamente por uma generosa rampa central.

A partir do recorrente e gradativo abandono das elites do Setor Central, o Jóquei Clube, passou a receber um usuário mais jovem, tornando-se principal espaço de encontro dos adolescentes, esportistas e das novas famílias de classe média. Foi nesse momento que o clube se destacou pela prática esportiva e pela sua intensa movimentação nas festas de carnavais e de ano novo, como comenta uma antiga frequentadora,

Então, tinha toda sexta-feira...Eu não me lembro se havia “Jóqueiresta” toda (sexta-feira) ou se era uma sim e outra não. Era um charme! (...) E a gente dançava: tinha luz negra, serviam umas comidinhas deliciosas! E ali era o encontro dos amigos, onde a gente se divertia muito. (CUNHA, in: BOAVENTURA, 2013)

Nos anos 1980, a população de maior poder aquisitivo passou a procurar por moradia fora do Centro, devido ao inchaço e ao intenso trânsito da região. Os bairros recém verticalizados, onde as construtoras e incorporadoras investiram intensamente em edifícios de alto padrão, tornaram-se o novo espaço da elite goiana.

Nesse período, os discursos narrados nos jornais da cidade sobre o centro tradicional, apontam insistentemente o abandono e a falta de investimentos públicos como os principais problemas da região. Complementado este quadro, somava-se a ineficácia do transporte coletivo que ajudava a promover o excessivo uso do transporte individual e, conseqüentemente a insuficiência de espaços destinados ao estacionamento, configurando-se, assim, uma situação que se matem até os dias atuais.

Na década de 1980 a degradação que assolou o centro de Goiânia, de uma certa forma, alcançou também o Jóquei Clube, levando-o a inúmeras intervenções que o

descharacterizaram. Estas buscavam, sobretudo, adequar o clube às novas demandas, solicitadas pelo seu público frequentador. Nesse momento, já se temia o mesmo abandono que se apresentava no Setor Central.

Por fim, pode-se concluir que as intervenções realizadas na Sede Social do Jôquei Clube, apesar de justificadas pela precariedade do seu entorno, pouco dialogam com o partido original, tampouco, agregaram valores estéticos e arquitetônicos à obra modernista. Esse foi o início do declínio do Clube.

### 3.4 Anos 1990-2010: decadência e abandono

Nos anos entre 1990 – 2000 diversos bairros despontaram como novas centralidades em Goiânia e os serviços destinados ao lazer, comércio e alimentação de alta qualidade abandonam parcialmente o Setor Central. Atribui-se a esta diversidade de novas centralidades dois fatores preponderantes. O primeiro foi a preferência das camadas mais altas pelos setores Oeste, Marista e Bueno como sítios adequados para a habitação. E o segundo a inauguração do Flamboyant Shopping Center no início dos anos 1980. Este novo equipamento instalado na cidade mudou tanto a dinâmica do Setor Central quanto a concepção de espaço público de Goiânia. Os pontos de encontro, antes localizados entre as ruas que cercavam o Grande Hotel (Figura 2) e Café Central (Figura 3), foram substituídos pelo grande centro comercial que se tornou o espaço mais atrativo. O vertiginoso crescimento dos condomínios fechados também contribuíram para uma maior descentralização da cidade.

Figura 2: Av. Goiás com Rua Três, ao fundo o antigo Grande Hotel em 1980



Fonte: SEGPLAN

Figura 3 : O Café Central



Fonte: SEGPLAN

Concomitante ao relativo abandono do Centro, a Sede Social do Jôquei Clube, também viveu um processo semelhante de degradação e, até os dias atuais enfrenta grande crise econômica. Mesmo com as inúmeras tentativas de readequar o espaço físico para atrair e manter seus associados, o clube que contava com 4,5 mil sócios no fim dos anos 1990, em 2003 possuía apenas 900 pessoas vinculadas a ele.

A degradação e o desuso do clube são atribuídos a uma série de fatores. A má administração e o excesso de reformas realizadas, muitas vezes inadequadas ou

desnecessárias, foram o início do endividamento da instituição. A alteração dos hábitos e costumes da sociedade para opção de lazer também é apontada como um dos fatores de abandono do Clube. Hoje os mais de 15 shoppings espalhados pela cidade são os espaços de encontro por excelência da sociedade goiana.

## **4. A CIDADE E O EDIFÍCIO DE HOJE**

### **4.1 Sobre os espaços públicos e os lugares de memória**

O Centro de Goiânia, até os anos 1960, foi lembrado por ter sido o grande lugar dos acontecimentos sociais, quando se realizava o tradicional *footing* (Figura 4). Nessa época a velocidade da cidade ainda se baseava no ritmo do caminhar, na vivência das ruas, das praças e das calçadas. Estes espaços se constituíam como o principal roteiro de lazer e cultura da cidade. Entre o Grande Hotel, o Teatro Goiânia, o Café Central e a Rua do Lazer (atual Rua Oito) as calçadas eram tomadas e o pedestre era o protagonista do espaço. No entanto a Goiânia de hoje já não se configura desta forma, o tempo passou e com ele as transformações advindas do processo de metropolização. Sobre estas mudanças SANTANA et all ( 2007, p.189) comenta,

Goiânia é uma cidade em que a ação humana em pouco tempo atingiu profundamente os espaços urbanos provocando muitas mudanças. Os pioneiros falam da cidade atual com paixão e orgulho, mas lamentam as perdas de espaço da cidade, falam de lembranças ligadas a imagens que se diluíram, de espaços criados a partir de relações sociais que já se foram. Falam de uma Goiânia que em grande parte não existe mais.

A Praça Cívica, local onde deveria ser o espaço das manifestações públicas e democráticas, desde a década de 1980, é tomada por um grande estacionamento. Somente em datas pontuais, geralmente festividades organizadas pela prefeitura a praça é utilizada para manifestações culturais. Quanto ao seu mobiliário urbano, identifica-se um número razoável deles, embora os mesmos se encontrem em mal estado de conservação. Somado a esta precariedade dos equipamentos, observa-se ainda um paisagismo que também parece ter sido esquecido. Em meio a automóveis e equipamentos urbanos deteriorados, a paisagem ali não é nada convidativa.

O bulevar tombado que acompanha toda a extensão da Avenida Goiás, apesar de apresentar mobiliários em bom estado de conservação, está, quase sempre, vazio. Os pontos de ônibus, que poderiam atrair pessoas a ocuparem esses espaços, encontram-se em lados opostos ao calçadão, devido ao modelo de ônibus utilizado que possui abertura apenas para um lado. Portanto, esta área livre, que se localiza entre vias do intenso trânsito, não é adequada para a permanência e a contemplação.

Diferentemente dos lugares supracitados, a Rua Oito, popularmente conhecida como Rua do Lazer, é a única via pedestralizada do centro e possui uma intensa movimentação. O comércio de bares e restaurantes se apropriaram desta dela com suas

mesas e bancos. Em dias de feiras o burburinho do comércio, o movimento das pessoas, as barracas e os bancos se misturam ocupando todo o trecho, propiciando assim uma interessante vivência. Grupos de teatros, de dança ou coletivos fotográficos, quase sempre se encontram ali para se reunirem.

Alguns pequenos espaços privados também são responsáveis por movimentar as ruas do Centro em dias e horários não convencionais. É o caso, por exemplo, do Cine Goiânia do Cine Ouro, e do Cine Cultura que possuem calendários alternativos de festivais de cinema e eventos músicas.

Complementando este conjunto de especificidade de Goiânia há de se destacar também as lanchonetes conhecidas como pitdogs. Estes, que se constituem em um curioso equipamento típico da cidade, funcionam até à madrugada, estando sempre lotados. Ao que parece, eles surgiram de forma espontânea em meio às ruas da capital. Apesar de possuírem um desenho com pouca qualidade visual, os pequenos quiosques já se tornaram parte da cultura local.

Ainda como espaço de permanência, não se pode deixar de citar o Mercado Central de Goiânia, localizado na Rua Três. Este é um importante e tradicional centro de comércio de produtos da região. Com suas lanchonetes, que servem comida típica, são bastante frequentadas por inúmeros visitantes e consumidores.

O Centro de Goiânia, portanto, não pode ser considerado um espaço completamente abandonado. Apesar dos inúmeros problemas apontados ele ainda se mantém vivo e com dinâmica de usos própria dos espaços mais tradicionais das cidades brasileiras.

Figura 4: Lugares de encontro do centro tradicional até a década de 60



Fonte: Carolina Boaventura, 2013

## **4.2 Sobre a mobilidade urbana**

O Centro tradicional de Goiânia, além de ser uma importante conexão entre diferentes espaços da cidade, abriga também funções de comércio e serviços que atrai uma quantidade considerável de pessoas. Como consequência direta desta condição apresenta um tráfego intenso ao longo de todos os dias úteis, marcado principalmente pela grande quantidade de automóveis.

Por esta razão, a demanda por estacionamento no Centro é cada dia maior, já que o transporte público é insuficiente. A frota total que serve toda a região metropolitana é composta por apenas 1.478 ônibus. Ao passo que há 1.030.792 carros registrados na capital. As poucas linhas de ônibus fornecidas pelo transporte público e a ausência de ciclovias na área demonstram o baixo investimento público no transporte coletivo ou em meios alternativos tal como a bicicleta.

As avenidas Goiás e Anhanguera são as principais vias de mobilidade do centro e compõe o eixo norte-sul da cidade e são os únicos trechos de BLT que passam pelo o Setor. Não há VLT, metrô ou ciclovias no Setor Central.

## **4.3 Sobre habitação no centro**

Atualmente a cidade de Goiânia possui 1.393.575 de habitantes (IBGE, 2013) e destas apenas 24.200 pessoas habitam no Setor Central. Como já comentado, a tipologia mais comum de moradia na cidade e, particularmente, do Setor Central são a dos prédios verticalizados. Em geral são edifícios com cerca de 15 pavimentos, murados e afastadas da calçada. Cabe destacar também a frequente presença nesses prédios das áreas de lazer e de espaços verdes, que desestimulam o uso dos espaços públicos. Sendo assim, a proposta dessa tipologia nega o lugar do público e cancela todas as possibilidades de interação visual e de convívio entre habitação e rua.

Na região sudeste do Setor Central, observa-se ainda o predomínio de habitações unifamiliares. Mais especificamente na Rua Vinte, destacam-se algumas casas construídas na década de 30 que resistiram a pressão do mercado imobiliário e possuem grande importância patrimonial para a cidade.

## **4.5 Sobre o Jockey Clube**

O edifício do Jockey Clube de Goiás foi um dos equipamentos do Centro tradicional de Goiânia que mais sofreu com os processos de transformação e degradação da região. As intervenções e ampliações, feitas a partir de pouca reflexão projetual, levaram a uma grande descaracterização do edificação original. A última modificação que substituiu o bosque por um estacionamento, eliminou a relação mais interessante da proposta do arquiteto Paulo Mendes da Rocha. No conceito original, o clube se organizava por dois extremos, o espaço do bosque

e o espaço das águas. A caixa de concreto, portanto, era a responsável pela conexão visual e espacial entre dois extremos opostos. Com a derrubada da área verde, perdeu-se a agradável paisagem proposta.

A relação que o edifício possui com seu entorno também é bastante curiosa, pois o edifício se oculta no contexto da paisagem. As fachadas mal conservadas da Rua Três e da Rua Onze são compostas por altos muros que impedem a visualização do edifício brutalista.

Atualmente, o clube, apesar de manter suas portas abertas ao público e remanescentes sócios, possui poucas atividades e movimentos. Ainda há um time de basquete que treina periodicamente e algumas aulas de dança são ministradas no salão principal. As poucas pessoas que frequentam as piscinas, academia e sauna convivem entre mobiliários quebrados e um debilitado serviço de alimentação.

## **5. A CIDADE E O EDIFÍCIO POSSÍVEIS**

### **5.1 Diretrizes de intervenção**

A proposta de intervenção no Centro tradicional de Goiânia possui oito eixos de ações e visa a ocupação dos 143 lotes, hoje, destinados a estacionamento (Figura 5). São eles: hierarquizar o sistema de mobilidade, promover conexões urbanas através de edificações, estabelecer usos que permitam maior permanência, oferecer desenho que permita transições suaves entre espaços públicos e privados, promover espaços programáticos, encorajar a prática do caminhar, aumentar área verde e propor diversidade tipológica nos projetos habitacionais.

Sobre a hierarquia na mobilidade urbana, o novo modelo proposto define que os pedestres e os ciclistas tenham prioridades. A segunda preferência será dada ao transporte público, como ônibus e veículos leves sobre trilho. E, com menor importância, o carro que terá seu uso controlado, segundo a proibição de estacionamento nas principais vias (Avenida Anhanguera, Araguaia e Tocantins e Rua Três) e a cobrança de tarifa nas demais ruas.

As conexões urbanas fornecerão trajetos alternativos ao pedestre. Será proposto que o interior de alguns edifícios sejam extensões da rua e da calçada. Desta forma será permitida uma maior aproximação entre o espaço público e o espaço privado.

O estudo do programa se constituiu como uma das ações estratégicas de maior importância no presente trabalho. Com o objetivo de incentivar o espaço público como efetiva opção de lazer, propõem-se a substituição dos terrenos ociosos por lugares que ofereçam distintas atividades culturais. Em Goiânia os 80.500 m<sup>2</sup> de terrenos ocupados por estacionamentos serão substituídos por quatro tipologias básicas de usos: os pocket parks, as praças, as habitações e os edifícios destinados a cultura e a educação (Figura 6).

A distribuição dessas quatro tipologias nos 143 lotes que serão ocupados foi estabelecida visando o equilíbrio entre os usos. Nas áreas onde existe uma maior

predominância do comércio, foi sugerido a construção de habitações. E onde atualmente há um maior adensamento de moradias foi proposto o aumento de áreas verdes e praças. A operação de incentivar a multiplicidade de usos pretende evitar ruas abandonadas e vazias durante o período noturno e aos finais de semana, estabelecendo assim, uma nova dinâmica ao Centro.

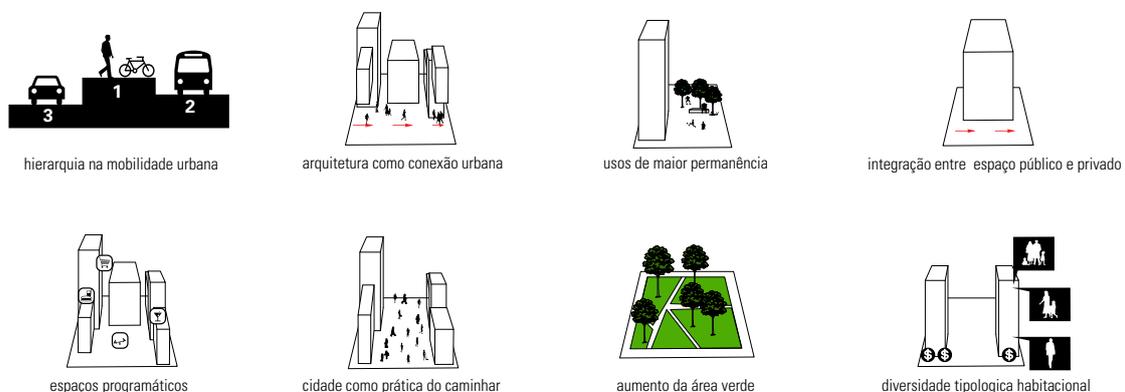
As praças e os parques públicos objetivam oferecer atividades de permanência, pois almeja-se alcançar o pleno uso desses equipamentos e das ruas, entendidos aqui como espaços de encontro. Acredita-se que estes locais devam fornecer um pouco mais do que áreas sombreadas e bancos, mas que estes incitem a diversidade de atividades.

É importante lembrar que para qualificar os espaços públicos em cidades como Goiânia, onde quase todo o ano as temperaturas são altas (durante a primavera a temperatura média é de 32° C), é imprescindível aumentar a área de cobertura vegetal para amenizar o desconforto de pedalar e caminhar durante dias quentes. Assim, será intensificado o volume de vegetação próximos as ciclovias.

Quanto aos edifícios destinados à cultura e ao lazer, considerou-se propostas de implantações que permitam boa integração com a rua e com as calçadas. Estes espaços, que ligam o lugar do público e do privado, chamados pelo urbanista Jan Gehl por “espaços de transição” (2013, p.82), são essenciais para a cidade. O bom tratamento dos espaços de transição incentiva a apropriação das ruas como um lugar compartilhado e seguro, tornando-as interessantes opções de lazer.

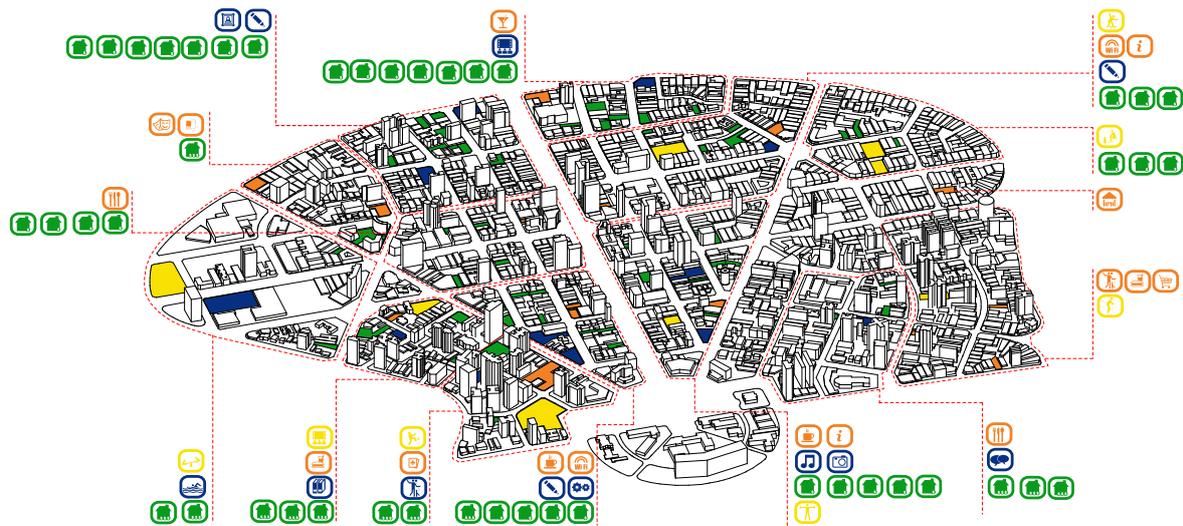
Por fim, propõe-se edifícios de moradias que atendam a diversos tipos de famílias. Assim sendo, pensou-se em várias tipologias de unidades habitacionais em um mesmo edifício. Nesta mesma proposta considerou-se também a presença de espaços semi-públicos, como jardins e quintais coletivos, para permitir o encontro e o convívio entre moradores.

**Figura 5: Diretrizes de intervenção no centro tradicional de Goiânia**



Fonte: Carolina Boaventura, 2013

Figura 6: Uso e ocupação de terrenos ociosos do centro tradicional



Fonte: Carolina Boaventura, 2013

## 4.2 Proposta de mobilidade urbana

A proposta de remodelação do sistema de mobilidade para o Setor Central procurou a substituição do excessivo uso do automóvel pelo transporte de massa, pela bicicleta ou pela caminhada. O transporte individual será desestimulado com a redução das opções de estacionamento nas vias públicas.

A estratégia projetual adotada determinou que a locomoção dos usuários seja realizada de forma complementar. O acesso proveniente de outros bairros se dará através do transporte de massa. Para tanto, se considerou o uso de veículo leve sobre trilhos (VLT) ao longo de toda a extensão da Avenida Anhanguera e a adição de mais quatro faixas de corredores de ônibus (BLT) nas Avenidas Tocantins, Araguaia e Paranaíba e nas Ruas Oitenta e Dois e Quatro. A BLT da Avenida Goiás será mantida, mas os pontos de ônibus serão transferidos para o interior do bulevar histórico, a fim de promover maior movimentação dessa área verde e a liberação de espaço na via para a adição de ciclovias.

Ao acessar o perímetro do Centro, a circulação interna dos transeuntes poderá se dar através de bicicletas públicas ou a pé. Todas as ruas do Centro conterão ciclovias, com faixas exclusivas em relação as vias de carros e aos corredores de ônibus.

As bicicletas públicas serão disponibilizadas nos 17 pocket parks distribuídos ao longo da malha do Setor e localizados a cada dois quarteirões. Nesses pequenos espaços, também haverá a possível compra de bilhetes e de passagens para os transportes de massa.

Para aumentar área sombreada das ciclovias e proporcionar temperaturas mais amenas, os pocket parks possuirão uma conexão entre as ciclovias principais, marcadas pelo aumento da massa verde.

Com o intuito de diminuir o uso do carro, mas não eliminá-lo por completo, a proposta ainda mantém um sistema de estacionamentos. Atualmente os 143 lotes destinados à garagens, conseguem abrigar cerca de 6.440 carros. Na presente proposta ficou estabelecido que haverá um estacionamento subterrâneo na praça Cívica e outros em terrenos destinados para equipamentos públicos. Em sua totalidade a área disponível é de 67.300m, que permitirá abrigar cerca de cerca 4.000 carros.

O estacionamento principal, o da Praça Cívica, terá acessos para a entrada e saída de veículos nas três vias principais: a Avenida Goiás, a Avenida Araguaia e a Avenida Tocantins. Já os demais estacionamentos foram disponibilizados de modo a dispersar o intenso fluxo provocado pelo estacionamento central.

### 4.3 Os pocket parks

Os pocket parks é uma proposta de intervenção que está intimamente relacionada ao desejo de tornar o espaço público mais dinâmico (Figura 6). Estes equipamentos ocuparão terrenos de menores proporções e, por serem parte do novo sistema de mobilidade urbana, devem operar de forma conjunta. Entretanto eles são variados quanto aos seus usos e cada um deles possuirá um distinto programa para atrair públicos de diferentes perfis.

Os doze usos destinados a estes dezessete parques são: espaço para jogos de cartas e tabuleiros, espaço para leitura de jornais e periódicos, café, restaurante popular, internet livre, agências de informação, comércio de pequena escala, espaço para atividades de dança, lugares para teatro e apresentações ao ar livre, lanchonetes e bares.

O projeto modelo apresentado, localizado entre a Avenida Tocantins, a Rua Dezesseis e a rua Doze, foi desenhado para conectar essas três ruas e permitir uma travessia mais agradável ao pedestre. Além disso, foi também considerado que este novo caminho também poderá servir de abrigo às atividades e eventos sazonais, como feiras e apresentações de coletivos culturais.

Figura 7: Projeto modelo do pocket park



Fonte: Carolina Boaventura, 2013

#### 4.4 As praças

Foram escolhidos os maiores terrenos para abrigar as novas praças da parte central de Goiânia, pois elas foram pensadas a partir de atividades que demandam espaços abertos e amplos. Tal como foi proposto nos *pockets parks*, onde haverá complementariedade programática, cada praça conterà equipamentos urbanos distintos visando atender variados públicos.

Os usos escolhidos para os sete parques são: parque equipado com brinquedos infantis, campo de futebol, pistas de skate, exercício para a terceira idade, piscinas e espelhos d'água, equipamentos de exercício físico e cinema a céu aberto.

A proposta do parque apresentada elegeu o terreno entre a rua Oitenta e Dois, Vinte e Cinco e Doze para instalação do campo de futebol (Figura 8). O modelo proposto enfatiza o esporte com a atividade de maior importância neste espaço, por isso foi centralizado no terreno. O paisagismo proposto possui o desenho que estende o gramado do campo para outros cantos da praça, definindo também os locais de passeio e estar.

O edifício que contorna a praça, além de reforçar a continuidade da rua, serve de apoio ao campo de futebol. Nele são propostos espaços destinados aos vestiários, aos banheiros públicos e à administração. Para atrair outros públicos, foram pensados também duas lanchonetes e um espaço de projeção.

Figura 8: Projeto modelo da praça



Fonte: Carolina Boaventura, 2013

#### 4.5 As habitações

O espaço de transição, como comenta o urbanista Jan Gehl (2013, p. 82) é o encontro entre o edifício de habitação, o lugar do privado, com as ruas e calçadas, o lugar do público. O tratamento do térreo, portanto, possui uma influência crucial para estabelecer uma relação mais íntima e convidativa entre estas duas esferas. Afinal, este é o lugar de convívio entre pedestres e vizinhança. Portanto, estabelecer espaços de transições suaves e promover lugares que permitam maior interatividade entre os moradores são as principais diretrizes do modelo de habitação desejado.

Para tal projeto foi escolhido um pequeno terreno localizado em frente À Rua Nove (Figura 9). No intuito de fornecer uma calçada mais generosa, o edifício foi recuado 2,5m frontal e lateralmente e foi proposta uma rua pedestralizada que dará continuidade a calçada.

O conjunto habitacional apresenta três modelos de apartamentos e visa atender famílias de distintos tamanhos, com quitinetes que possuem 36m<sup>2</sup>, apartamentos de dois quartos com 54m<sup>2</sup> e de três quartos com 72 m<sup>2</sup>.

Como todos os apartamentos são do tipo duplex, o arranjo espacial das unidades foi organizado de forma variada que permitiu o ganho de espaços remanescentes. Estes foram tratados para serem quintais e jardins coletivos, de uso comum para todos os moradores.

Figura 9: Projeto modelo da habitação



Fonte: Carolina Boaventura, 2013

#### 4.6 Os equipamentos de cultura e lazer: requalificação do jóquei clube

Os equipamentos públicos, além de colaborarem com o sistema de mobilidade urbana, foram pensados para fornecer ao Setor Central um maior número de opções culturais e educacionais, tão escassos na região. Serão equipamentos de maior porte que visam atender toda a extensão do bairro para diminuir o seu caráter comercial. Foram propostos 12 edifícios como os seguintes usos: centro esportivo, miateca e cinema, biblioteca, museu, escolas de fotografia, de línguas, de música, infantil, técnica e de dança.

Para o projeto modelo, foi escolhido a requalificação Jóquei Clube, devido à sua importância na memória de Goiânia (Figura 10). O Clube, foi desde a inauguração da cidade, o primeiro espaço destinado ao encontro, às festas e ao lazer. E hoje a edificação se encontra bastante alterada. Tendo em vista que a obra não é protegida por leis de tombamento, projetos que proponham a sua requalificação são necessários.

Assim sendo, três pontos foram de fundamental importância para a adoção de um partido de intervenção neste edifício. São eles: estabelecer um diálogo entre a obra existente, de modo a compreendê-la e respeitá-la; manter as atividades sociais e esportivas que ainda perduram e retirar os altos muros que circundam a obra, afim de incluí-lo na paisagem da cidade.

A solução estética adotada na intervenção foi considerada como um aspecto importante o diálogo com o desenho original do arquiteto paulista. Assim sendo, propõem-se a mesma modulação estrutural e a predominância dos mesmos materiais: o concreto armado e o vidro. Para o acesso principal do edifício anexo, desenhou-se a continuação da rampa central existente, estendendo-a até Rua Onze, criando assim um grande eixo interno conectando o edifício e a calçada.

As lajes dos níveis do salão de festas e das piscinas também foram prolongadas. Essa continuidade permitiu a criação de dois novos espaços. O primeiro, acima destas lajes, foi sugerido uma nova praça, visualmente aberta para a cidade. E o segundo, abaixo das praças, foi abrigado o centro esportivo e escola de dança e teatro. O complexo conta com salas de lutas, marciais, salas de teatro e dança, salas para treino de ioga e duas lanchonetes.

A estrutura física do edifício existente foi pouco alterada, apenas alguns usos foram reorganizados. O último piso, onde era a administração, foi recolocado como restaurante, como previa o projeto original. O espaço de bilhar e a pequena academia localizados próximo ao estar, foram transferidos para o projeto anexo, onde terão mais espaços. A grande estrutura de banheiro/vestiário e sauna foram mantidos e ampliados.

Figura 10: Requalificação do Jóquei Clube de Goiás



Fonte: Carolina Boaventura, 2013

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma intervenção urbana que se apoia no estudo dos espaços da vida cotidiana e na identificação dos lugares de memória pede que se recorra também a leituras que tratam da evolução dos processos sociais e de transformação dos espaços da cidade que se pretende estudar. Mas cabe sinalizar a importância do que chamamos de “crônica do cotidiano”, ou

seja os relatos das pessoas que vivenciaram a cidade em diversos tempos. São essas crônicas que trazem um olhar singular e sensível da cidade, e que nos permite identificar quais são os espaços memoráveis. Potencializar a pré-existência de pontos da cidade que promovem a agregação das pessoas e colaborar para a intensificação de novos locais de encontro foram os principais fatores que motivaram este estudo.

Diante das diversas variáveis que compõem o espaço de Goiânia, como também dos seus vários conflitos, entende-se que as propostas apresentadas no presente trabalho não as respondem, por completo, mas, trata-se apenas de uma hipótese de intervenção que considera duas questões básicas que buscam dentro do possível, dar respostas aos problemas apresentados. A primeira delas foi a consideração do processo de degradação desta região e o seu acentuado congestionamento, a segunda foi a ampliação dos espaços públicos e memoráveis a partir da redução do espaço privado.

A partir das supracitadas considerações, o projeto de intervenção na região Central de Goiânia propõe a ocupação dos espaços vazios ou destinados à estacionamentos e a remodelação dos sistemas de mobilidade. Para tanto, oito eixos de ação foram estabelecidos.

Os cinco primeiros tratam das decisões macro, visando soluções para o congestionamento do centro. Trata-se do estabelecimento de uma nova hierarquia de mobilidade, em que o pedestre, o ciclista e o transporte de massa foram priorizados em detrimento do carro. Os demais, relacionam-se com a escala do edifício. São eles: a promoção de conexões urbanas através das edificações, a criação de espaços programáticos, segundo a diversidade tipológica dos projetos habitacionais e a adoção de partidos que estabelecessem íntima relação com a escala urbana, promovendo, assim, a ampliação do uso do espaço público e, de possíveis espaços memoráveis.

Foi nesta mesma ótica, em que se estipulou como prioridade a íntima relação entre as estratégias de projeto, que se pensou o edifício do Jóquei Clube, retomando-o como o projeto modelo para o sistema de edifícios públicos destinados ao lazer e educação. A concepção modernista deste edifício e a observação dos usos que ainda perduram no clube foram questões de grande importância para a decisão projetual, levando-se em consideração escolhas e decisões de projeto que permitiram estabelecer o diálogo entre esta arquitetura e o espaço urbano.

Por fim, este trabalho de conclusão de curso, apesar de todas as suas limitações, procurou, na medida do possível, levantar não só questões que contribuam para uma maior reflexão sobre o espaço urbano da cidade, como também apresentar uma proposta de requalificação que valoriza tanto a sua importância histórica quanto a sua dinâmica cotidiana.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Mauricio. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri, SOUZA, Marcelo Lopes, SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). *A Produção do Espaço Urbano*. Rio de Janeiro: Contexto, 2013.
- ASSIS, Deire. Diretoria eleita volta ao Jóquei. *O Popular*, Goiânia, 2010.
- ARTIGAS, Rosa (org). *Paulo Mendes da Rocha*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- BANDEIRA, Marcos. Com uma dívida de mais de 5 milhões de reais, a administração do Jóquei Clube de Goiás se desdobra para reerguer o clube. *O Popular*, Goiânia, 2003.
- BERNARDES, Marina Nahas Dafico; CAIXETA, Eline Maria Moura Pereira. *Jóquei Clube*. Artigo de Iniciação Científica apresentado à Universidade Federal de Goiás, disponível em: [http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibic/trabalhos/MARINA\\_N.PDF](http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibic/trabalhos/MARINA_N.PDF). Acesso em: março de 2013.
- BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: Lembrança dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O Tempo vivo da memória: de psicologia social*. São Paulo: Alettiê Editorial, 2003.
- BOAVENTURA, Carolina Rodrigues. *Entrevista a José Amaury de Menezes*. Goiânia, 2013.
- BOAVENTURA, Carolina Rodrigues. *Entrevista a Maria de Fátima Macedo da Cunha*, Goiânia, 2013
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: El andar como práctica estética*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.
- CZEPAK, Isabel. Em crise, Jóquei Clube derruba bosque para construir hotel. *O Popular*, 2007.
- GEHL, Jan. *Cidade para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. *Goiânia: uma modernidade possível*. Brasília: Ministério da Integração Regional/ Goiânia: UFG, 2002.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JORGE, Luís Antônio. *O Espaço do Seco*. Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1999.
- LIMA FILHO, Manuel Ferreira; MACHADO, Laís Aparecida. *Formas e tempos da cidade*. Goiânia: Editora UCG, 2007.
- MANSO, Celina Fernandes Almeida (Org.). *Goiânia art déco: acervo arquitetônico e urbanístico – dossiê de tombamento (v. 1, 2 e 3)*. Goiânia: SEPLAM, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea - um certo olhar*. Goiânia: Ed. do Autor, 2001.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, Cativa da Memória?. Para uma mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. São Paulo: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 1992.
- MONTEIRO, Lúcia. Jóquei pode ter shopping center. *O Popular*, Goiânia, 2006.
- PALAZZO, Pedro. Frota de veículos cresce 4 vezes mais que a população. *O Popular*, Goiânia, 2013.
- RODRIGUES, Galtieri. Casa histórica demolida no centro de Goiânia. *O Popular*, Goiânia, 2013.
- SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo; Razão e Emoção*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- VAZ, Maria Diva Araújo Coelho. *Transformação no Centro de Goiânia: Renovação ou reestruturação?* Dissertação apresentada à Universidade Federal de Goiás – UFG, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Percorrendo a História do Centro*. In: Flávia Maria de Assis Paula; Lana de Souza Cavalcanti. (Org.). *A Cidade e seus Lugares*. Goiânia: Editora Vieira, 2007.